



A TELA EM REVISTA



SÃO PAULO

"O Cavalheiro da Rosa" (Der Rose Kavalier). — Pan Film. — É um film para as senhoritas de espirito profundamente romantico e para os rapazes que acham uma indizível poesia nos factos e nos actos dos rapazes e das senhoritas, delicadissimos e delicadissimas, que se vestiam naquellas roupagens lindas, botinas de salto alto, cabelleiras empoadas e bastões de alta distincção. Para um ente, no entanto, que só aprecie argumentos no genero de "Varieté" ou "Wild Oranges", por exemplo, não terá, este film, o menor atractivo. Todavia, como já tive occasião de escrever, predomina, entre nós latinos, esta predilecção pelos argumentos de lyrismos piégas. Sentimos, nós brasileiros, um enlevo particular em qualquer cousa que traga o sabor de um minueto, de uma gavotta, de uma cabelleira perfeitamente polvilhada e postiga e de uma saia balão. E foi muito por causa disto que o desastroso "Monsieur Beaucaire" causou successo!... No entanto, podem estar certos disto, posto que o romance deste film se passa em Austria e o de "Beaucaire" em França, este é infinitamente superior. Não direi, por exemplo, que Jacques Catelain poderá ser superior ou nem igual a Valentino, não, é muito peor, concordo, mas os demais typos, a perfeita e justa encadernação das montagens das personagens, dos costumes, dos modos da quella velha Vienna de tão romanticas passagens, está muito superior ao outro.

Eu não gosto deste genero de films. Espreme-se, espreme-se e nada sáe. Tira-se, quando muito, algumas gotas de um romance regularmente interessante. No mais, piéguices e frivolidades. Prefiro a brutal realidade de um "limehouse" aonde se pôde ver, nua, verdadeira, a verdade nos minimos detalhes dramaticos. Todavia, não pense, que não devo dizer o que o film é, e, sendo assim, digo com toda a franqueza, achei-o bom e muito bem feito. Salienta-se, em particular, a direcção de Robert de Wiene. Os artistas, todos, regularmente uns e bem outros. Não apreciei Jacques Catelain. É um francezinho muito antipathico e pouco artista, e apresentou-nos um trabalho que não o recommenda. Foi um mediocore "Cavalheiro da Rosa". Huguette Duflos, no papel de "Marechal", interessante e regular artista. Interessa, no entanto, Michael Bohnne, que já conhecia através discos de gramophone como esplendido barytono, apresenta um typo interessante no ridiculo pretendente á mão da filha do "novo rico". Esta pequena, a filha de um ridiculo "nouveau riche", é realmente encantadora e o melhor que o film possui. O seu rosto é lindo, a sua arte bastante expressiva e a sua desenvoltura muito agradável. Pena, no entanto, não me ter o Sr. Luiz Grentener dado a oportunidade de conhecer o nome desta mimosa flôrzinha. O "Marechal", cujo nome, pelo mesmo motivo, não sei, é um bom artista e está muito bem no papel que lhe coube. Os demais, soffríveis. A direcção de Robert de Wiene, cuidada e intelligente. A scena final, com aquelles tres cascas amorosas á entrarem naquelles labirintos de doce arrullo de amor, é, também muito notavel e magnificamente photographado. É um quadro digno de um celebre pintor! Com films como este, "Varieté" e "Siegfried", jamais se compro-

metterão as cinematographias allemã e austriaca. Este é um film austriaco e já tendo apreciado "Lua de Israel", outro notavel trabalho da patria de Von Stroheim, posso dizer que, por enquanto, só merecem parabens. Assisti o film no Triangulo e, portanto, com pessima musica. A musica que executaram está para a musica de Richard Strauss, como "O meu boi morreu" para a "Berceuse", de Chopin.

Cotação: 8 pontos.



SCENA DO FILM FRANCEZ, "LE TRAIN SANS YEUX", DIRECÇÃO DE ALBERTO CAVALCANTI.

"Os Milagres da Creação". — Ufa. — (Urania). — Um estudo sobre astronomia. E' desses films como só os allemães sabem e podem fazer. Qualquer beocio neste ramo, qualquer desinteressado, como eu, por exemplo, também, poderá apreciar este film e deixar cair o queixo de espanto e deslumbramento ante a soberba e inconfundível maneira pela qual este film é feito.

Não é film de enredo, não. É, unica e exclusivamente um film scientifico e que estuda a astronomia nos seus magnos problemas todos. Vale a pena ver-se a engenhosidade dos formidaveis "trucs" empregados, á maneira infantil e esplendida de explicar problemas os mais intrincados, e, aquella supposta viagem á Marte e Saturno, sendo que, por certo, segundo as demonstrações do film, em Marte seriamos gigantes e em Saturno anões, se, por ventura existirem entes. O final, mostrando as duas hypotheses imaginaveis do fim do mundo, então é phenomenal. A morte pelo frio completo ou, então, o choque de dois planetas e a morte pelo fogo, um inferno terrivel, apocalyptic. Certamente, mais uma vez digo, a Zizi, a Tudinha, o Bibi e o Zuzu, não de achar que é cretinice exhibir um film assim... no entanto, posto que os bonecos de engonço que pululam em nossa urbs sejam contrarios á formidavel lição que este film encerra não devem ser obstaculos sufficientes

para que o nosso caro leitor paciente e amigo deixe de ir ao Cinema para gozar a delicia intellectual que nos proporciona "Os Milagres da Creação". Tratando-se de um film scientifico não ha cotação.

"Madame Charleston" (Madame Behave). — Producers Distributing. — (Matarazzo). — Produção de 1926. — Quando um film do Programma Matarazzo deixa de ser exhibido no Cine Republica e tem as suas primeiras no Triangulo, pode-se bem desconfiar que é de um narcotico que se trata. No entanto, posto que assim succedesse, fui vel-o porque aprecio Julian Eltinge, Ann Pennington, Jack Duffy e a direcção de Scott Sidney. Não fui de todo logrado. A comedia, não pense os meus caros leitores, por certo, que é uma "super", não. É, antes, um ligeiro passa tempo. Consegue, em certas situações, interessar e mesmo, para seu louvor, algumas boas gargalhadas de certos individuos pouco affeitos á films. No entanto, "Madame Behave", que é o film, passou a chamar-se "Madame Charleston" e o "charleston que Ann Pennington dança foi, já se sabe, acompanhado estupidamente pela "formidavel" e "extra-ordinaria" orchestra que executou um trecho qualquer de opera. O film, que é uma adaptação de uma farça franceza, não é mais do que um pretexto para Julian Eltinge caracterizar-se de mulher e para Ann Pennington, interessantissima e com umas pernas bem interessantes, também, dançar um ligeirissimo e magnifico "charleston" que agora, cedeu lugar á "Black Bottom", que esta mesma Ann Pennington lançou. Julian Eltinge, um rapagão sympathico e uma mulher encantadora, apresentam um trabalho interessante e bem desenvolvido. Agrada. Ann Pennington, uma joven com "it", agrada, por certo, também. Não pense, todavia, que é uma magnifica artista, não. Agrada, apenas. Jack Duffy, estupendo. É o melhor que o film tem. Lionel Belmore, também, muito bom. Outrosim, Tom Wilson, como creado, já se sabe, Cecille Evans e David James apparecem.

O bailado do Julian com o Jack Duffy, magnifico. Ha muita cousa já vista e muita cousa, também, interessante. Não é, no entanto, uma "super" comedia. Apenas um film de linha que não aborrece.

Cotação: 6 pontos.

G. M.

ESTADOS UNIDOS

"The Nerows Wreck", da Producers Dist., é uma outra boa comedia que recommendamos sem reservas aos nossos leitores. Entre as seis melhores produções do mez.

"Beau Geste", da Paramount, é um esplendido trabalho, um dos seis melhores films do mez. Ronald Colman, Ralph Forbes, Neil Hamilton, Noak Beery, William Powell, sob a direcção de Herbert Brennon, fazem maravilhas. Um film que ficará...

"Bardelys the Magnificent", da Metro-Goldwyn e dos seis melhores films do mez. John Gilbert e Eleanor Boardman mais Roy d'Arcy, sob a direcção de King Vidor. Peça de costumes, montagem magnifica.

"For Alimony Only", drama, vale 70 por cento. Leatrice Joy e Lillian Tashman são as victimas. É uma rata de De Mille.